

# RELATO-ENSAÍSTICO DA DISCIPLINA ANÁLISE COGNITIVA E POLILÓGICA I: REFLEXÃO DE UM ANALISTA COGNITIVO EM FORMAÇÃO

*Geraldo Francisco dos Santos*<sup>1</sup>  
ORCID0009-0005-9317-8020

## RESUMO

Este relato, de formato ensaístico, tem como objetivo relatar a experiência vivida na disciplina Análise Cognitiva (AnCo) e Polilógica I do curso de Doutorado do PPGDC - Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia), no primeiro semestre do ano de 2023. Se baseou na análise de artigos científicos e em estudo bibliográfico referendado por autores que abordam a temática da análise cognitiva, complexidade e transdisciplinaridade, com vistas a discutir sobre a estruturação da AnCo em artigos constantes em periódicos nacionais e internacionais da CAPES, apropriados pela Base Referencial da Análise Cognitiva do referido curso. Essas ações podem ser realizadas pelo analista cognitivo. Neste sentido, este relato também visa compreender o seu papel diante dos conhecimentos e da pesquisa científica. A análise dos artigos no primeiro momento assinala para a confirmação da AnCo em materiais científicos que não se dão conta de estarem fazendo análise cognitiva e também para a sua configuração e ratificação enquanto área que possibilita o assentamento da multirreferencialidade, da inter e transdisciplinaridade e da polilógica. Além disso, ratifica o comportamento do analista cognitivo como agente do conhecimento transdisciplinar na atualidade.

**Palavras-chave:** análise cognitiva; base de dados; analista cognitivo.

## ABSTRACT

This report, in an essay format, aims to report the experience lived in the Cognitive Analysis (AnCo) and Polylogic I discipline of the Doctoral course at PPGDC - Postgraduate Program in Knowledge Diffusion (Faculty of Education of the Federal University of Bahia), in the first half of 2023. It was based on the analysis of scientific articles and a bibliographic study endorsed by authors who address the theme of cognitive analysis, complexity and transdisciplinarity, with a view to discussing the structuring of AnCo in articles appearing in national journals and international CAPES, appropriated by the Cognitive Analysis Reference Base of the aforementioned course. These actions can be performed by the cognitive analyst. In this sense, this report also aims to understand its role in knowledge and scientific research. The analysis of the articles at first points to the confirmation of AnCo in scientific materials that do not realize that

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciências Sociales - FICS, Paraguai. Mestre em Estudo de Linguagem. Professor de Artes e Língua Portuguesa. Psicanalista clínico. Doutorando em Difusão do Conhecimento no PPGDC/UFBA. E-mail: [Joangelis1966@hotmail.com](mailto:Joangelis1966@hotmail.com)

they are carrying out cognitive analysis and also to its configuration and ratification as an area that enables the establishment of multi-referentiality, inter- and transdisciplinarity and polylogic. Furthermore, it confirms the behavior of the cognitive analyst as an agent of transdisciplinary knowledge today.

**Keywords:** cognitive analysis; data base; cognitive analyst.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este relatório tem como objetivo relatar o processo de inclusão de cinco artigos na Base Referencial concernente ao estudo da Análise Cognitiva (AnCo), atividade proposta pela disciplina Análise Cognitiva e Polilógica I, do curso de Doutorado em Difusão do Conhecimento (Faculdade de Educação / Universidade Federal da Bahia). A disciplina foi ministrada pelos professores(as) doutores(as): Dante Galeffi, Leliana Sousa, Marcus Túlio Pinheiro e Cláudia Sousa, e a sua execução foi realizada no formato online através do *Google Meet*, durante o 1º semestre do ano de 2023. Estiveram presentes cerca de vinte e seis doutorandos do referido curso.

Em sua primeira parte, se reflete sobre o conceito de Análise Cognitiva constituído em seus primórdios, com o intuito de verificar se os artigos incluídos na Base Referencial da AnCo têm aspectos cognitivos para serem considerados passíveis de análise por essa área do conhecimento. Além disso, a reflexão incide sobre o Analista Cognitivo (AnalCo) como pesquisador capaz de empreender a AnCo no âmbito das ciências cognitivas. Na segunda, apresenta dados dos estudos adicionados à Base e aponta alguns aspectos através dos quais uma análise cognitiva poderia ser realizada. Na parte seguinte, reflete sobre os processos de estudos na disciplina Análise Cognitiva e Polilógica I do referido semestre.

## **2 O CAMPO DA ANÁLISE COGNITIVA E O ANALISTA COGNITIVO**

A AnCo, um campo em formação, como se busca tratá-la nesse texto, tem seus inícios na década de 80 com os estudos da Profa. Dra. Terezinha Frós Burnham, da Faculdade de Educação (Universidade Federal da Bahia). Todo percurso laboral, criativo e acadêmico que tratam desse primórdio é descrito em artigos-fonte registrados em obras, dentre estas, destaca-se o livro

“Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagens” (Burnham et. al., 2012), o qual reúne reflexões ímpares sobre a AnCo.

De forma sumária, buscando revisitar um possível percurso da AnCo, se pode assinalar que, após a criação do RICS (Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade) em 2004, surge o DMMDC (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento), com a proposta de congregar um projeto comum de pesquisa através do qual se pudesse, dentre outros aspectos, discutir “o conhecimento como uma entidade, seus modos de produção, seus sistemas de organização, dispositivos de acervação e formas de difusão” (Ibid., p. 21), um curso que possibilitasse trocas e debates permanentes através dos quais os doutorandos colocassem em comum suas experiências e dúvidas sobre a ciência que produzem. Nessa perspectiva, para se discutir o conhecimento, se tornava evidente construir o currículo do curso, delinear o perfil do egresso e a adoção de uma área do conhecimento que embasasse a formação do doutorando (Burnham, 2012).

Como a proposta do curso era ampla, as ciências da cognição não bastavam. Sendo assim, se realizou a pesquisa bibliográfica com o descritor “analista do conhecimento” que apresentou como resultado o termo *cognitive analyst* em 4 produções de língua inglesa. Dentre essas, uma da área de psicoterapia, trazia o termo analista cognitivo, incentivando a mais buscas. Assim, novas pesquisas foram realizadas até o ano de 2008, indicando 9 publicações cujos analistas de diversas áreas fizeram análise do conhecimento em alguma dimensão e, em suas palavras-chave constava o termo *cognitive analysis*. Essa conformação permitiu a eleição da Análise Cognitiva como campo do conhecimento para o referido curso de doutorado.

No que diz respeito a um objeto-fonte, inaugural, que tenha tratado de uma concepção da AnCo, o levantamento bibliográfico revelou o livro *Democracy, ideology, and objectivity, studies in the semantics and cognitive analysis of ideological controversy* (de Arne Naess, 1956). Nessa obra, os autores apontam pistas para a incursão da AnCo sobre os fenômenos científicos, ratificando que “tal análise é necessária [...] Se [...] não for realizada escrupulosamente e em detalhe, temos razão para acreditar que as visões políticas do analista mancharão as [suas] conclusões” (Naess, Christophersen; Kvalo, 1956, *apud* Burnham, 2012), do que se pode

depreender que a Análise Cognitiva requer o detalhamento, o aprofundamento sobre a pesquisa e também o distanciamento (sem radicalismos) do analista sobre o objeto, justamente para se ter uma visão minuciosa e, ao mesmo tempo, descontaminada de qualquer perspectiva científica restritiva.

A AnCo é um campo do conhecimento que não pode ser definido de forma completa, pois diante do espectro de possibilidades de objetos de investigação, um conceito fechado a limitaria. É uma área que lida com a crítica e a reflexão, posturas que se encontram em outros campos do conhecimento, portanto, defini-la apenas como área que trabalham com ambas seria uma atitude reducionista. Nesse sentido, com o intuito de apresentar um conceito através do qual se possa refletir um objeto de pesquisa, se atem ao seguinte:

[...] campo de conhecimento científico que contribui para a reconstrução e reorganização da sociedade, priorizando o aprender fazendo e combinando prática, experiência de vida, aprendizagem em processo permanente da existência no processo de individuação humana e da diversidade de grupos humanos. (Burnham, et. al, 2020, p. 58)

O caráter interdisciplinar e multirreferencial já a aproxima da transdisciplinalidade por abranger uma pluralidade de saberes, referências, experiências e disciplinas. Em outro artigo Burnham afirma que a AnCo “enfoca o estudo do conhecimento a partir dos seus processos de construção, transdução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes disciplinas [...]” (2012, p. 80). Sendo assim, a AnCo se debruça sempre sobre o conhecimento em seu devir como elemento fundante das sociedades humanas, e, para o entendimento dessa trajetória do conhecimento, se torna imprescindível a presença do sujeito-pesquisador que, embasado pelo olhar da complexidade, faça a análise desse processo tornando-o compreensível. Sendo assim, em sua atuação, o(a) analista cognitivo se constitui como aquele capaz de “planejar, desenhar, modelar e implementar processos e situações que organizam e constroem conhecimento, em suas plurais dimensões e contextos específicos” (Messeder; Galeffi, 2019, p. 7). E, nessa vertente de ação de pesquisa, mediante o entendimento de um fenômeno, o(a) analista é convidado a ultrapassar a rasa tradução para uma experiência de conhecimento e linguagem, ou seja, “a transdução de uma forma de representação – verbal, icônica, sonora – ou de um tipo de linguagem

– religiosa, filosófica, científica – para outra(s) formas de representação do conhecimento” (Burnham, 2012, p. 43). É da sua natureza de pesquisador, portanto, a clareza e o cuidado na transmissão do conhecimento.

A contemporaneidade, com um olhar cada vez mais focado na integração entre conhecimentos, solicita do pesquisador da AnCo uma postura interdisciplinar e transdisciplinar. Sobre a primeira, ela surgiu como uma forma de amenizar a constante especialização das disciplinas e para que houvesse uma abordagem da complexidade evidenciáveis pela ação, ou seja, mais que tudo, ela trata da atitude através da qual se faz o contato entre diversas áreas e pode ser originada tanto pela ação de um indivíduo quanto de uma equipe (Japiassu, 2006). A proposta transdisciplinar pode atravessar as disciplinas para gerar uma visão globalizante do que se pretende estudar, por isso, para Nicolescu a transdisciplinaridade “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (1999a, p. 53). Com esse pensamento, se verifica que, além de um possível diálogo entre as diferentes disciplinas e campos do saber, a trans(disciplinaridade) evoca que haja uma unidade do conhecimento.

Para buscar essa unificação, o(a) analista cognitivo precisa fazer um percurso que exige dele(a) a criatividade, o estudo comparado e a abertura epistemológica e de pensamento. Nessa perspectiva, como apontam Messeder e Galeffi ele(a)

não só se encontra diante dos desafios da complexidade, das multiplicidades, das diferenciações e individualizações rizomáticas no campo coletivo e nas oscilações do mundo das trocas e produção de mais-valia, como também se projeta em um campo de possibilidades. (2019, p. 7)

Pelo rol das possibilidades, esse agente da cognição na complexidade da vida não pode ser preconceituoso, precisa estar apto ao fenômeno que analisa, ter senso de observação e paciência, compreendedor do tempo (cartesiano/não-cartesiano) e respeitador dos espaços (físicos/virtuais, públicos/privados), deve ser empreendedor em pesquisas (ou seja, filosoficamente amar a sabedoria, a sua busca); além disso, ser sensível ao trabalho de grupo e, ao mesmo tempo, propício ao automergulho em seus pensamentos para um re-fletir aberto à intuição, sabendo separar o necessário do supérfluo e considerar este em detrimento daquele. Desse modo, é previsto

pela AnCo a especulação de “como será o processo de aprendizado do pesquisador sobre sua incursão/imersão no campo de produção científica, na operacionalização do conteúdo, na busca do estado da arte para formalização/afirmação do Conceito de Análise Cognitiva” (Burnham et. al, 2020, p. 60-61), cabendo, nessa tônica, que o aprendizado se faz, primeiro, em torno dos saberes (com)partilhados por aqueles que já empreenderam o caminho da AnCo.

Através da AnCo o(a) analista cognitivo encontra um campo de possibilidades para desenvolver o seu trabalho epistêmico tendo na cognição a ferramenta imaterial como capacidade de pensar sobre o impensável e refletir sobre o inconcebível e o inadmissível. Ao assumir essa condição, ele se coloca no lugar do etnólogo quando este se deixa afetar pela experiência viva, que no dizer de Favret-Saada “aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada” (*apud* Siqueira, 2005, p. 160). O(A) analista cognitivo é, portanto, o(a) pesquisador(a) da abertura de possibilidades cognitivas inscritas nos fenômenos que circundam o mundo da vida.

### **3 SOBRE OS ARTIGOS INCLUÍDOS NA BASE**

Dos 5 artigos que foram incluídos sob a responsabilidade do doutorando, 2 eram de língua inglesa. Nenhum deles tratavam diretamente de AnCo, seja como campo do conhecimento, seja como metodologia de trabalho, nem mencionam esse descritor em suas partes textuais. Entretanto, após a leitura, se percebeu que podem ser analisados cognitivamente, pois, talvez, sem o saberem, os autores fizeram uma análise cognitiva do objeto pesquisado.

Apesar de 2 artigos estarem em outra língua, se pode traduzi-los, e assim, compreender do que tratavam. Sendo assim, após receber dos professores os artigos sob a responsabilidade do doutorando, eles foram salvos em uma pasta, e, para cada um foi realizada a leitura rápida e exploratória, em seguida, uma segunda leitura mais reflexiva para captar as intenções dos autores. Na terceira leitura, se foi sinalizando os itens solicitados pela Base. Nesse momento, se abriu um formulário no *Word* para ser

preenchido previamente, somente depois de checar as informações, é que se transferiu para a Base. Nessa fase se pretendeu preenchê-la o mais completa possível, embora alguns artigos não possuíssem certas informações, como por exemplo, a teoria, a epistemologia, as quais foram sendo inferidas pelo pesquisador a partir da análise do conteúdo e do processo adotado pelos autores para analisar o objeto de pesquisa.

Para o preenchimento do espaço “termos mais frequentes” é necessário a leitura minuciosa do artigo e assim, poder identificar esses termos no corpo do texto. O mesmo ocorreu para a “metodologia” porque nem sempre é explicitada, pois não se encontrava registrada em alguns resumos.

Em relação ao conteúdo dos artigos incluídos na Base e de suas possibilidades cognitivas, descreve-se:

O primeiro artigo nº 918 “Presuntivismo e falsa contraposição entre mentira e verdade: duas possíveis causas para seguirmos ignorando o impacto de fatores como a passagem do tempo e as informações pós-evento no processo penal. Três propostas sobre o que fazer” é da área de ciências humanas/direito, foi produzido pelo Prof. Dr. Vitor de Paula Ramos da Universidade de Girona (Espanha). O autor, tomando como base a falha da memória humana, defende a posição de que se torna necessário gerenciar o testemunho com materiais que possam dar sustentação e esclarecimento mais completo à prova testemunhal em processos jurídicos, pois aquilo que a testemunha declara pode não cobrir todo o evento a que testemunhou. As provas apresentadas em um processo precisam ser qualificáveis e, para tanto, o testemunho (meticuloso) também.

Para desenvolver o pensamento sobre o objeto estudado, o pesquisador toma como termos-chave a prova testemunhal, a psicologia do testemunho e o raciocínio probatório, elementos concernentes à área do Direito Penal. O estudo é de orientação bibliográfica de escritos da psicologia do testemunho, da epistemologia do testemunho e da doutrina do processo penal.

Para contribuir no debate da prova testemunhal, o artigo pretende responder a duas questões: 1 - Por que, diante de tantas evidências científicas, fatores como a passagem do tempo e as informações pós-evento *seguem não ganhando a devida atenção pelo direito e, especificamente, pelo processo penal?*; 2 - Como é possível desenhar o *processo penal* para que esse passe a

considerar e a melhor lidar com a *passagem do tempo* e com as *informações pós-evento*? E durante seu desenvolvimento, ambas são respondidas.

Com base no conteúdo do artigo e na(s) expressão e palavras-chaves (em itálico) das duas questões acima, o analista cognitivo “não se configura como um tipo de especialista que sabe apenas de sua área técnica” (Messeder; Galeffi, 2019, p. 8), pois ele pode transitar interáreas tanto ampliando suas capacidades intelectivas (cognição, percepção, memória) enquanto analista, tanto quanto contribuindo com o suporte cognitivo mediante a análise que fará da validade da prova testemunhal, fundamento do estudo em questão. Portanto, é um dos artigos que, apesar de não constar o termo “análise cognitiva” em nenhuma de suas partes, tem potencial para ser abordado cognitivamente. Um dos vieses a ser abordado seria, supõe-se, os processos que incidem sobre a construção, organização, armazenamento e socialização do conhecimento referentes à prova testemunhal, já que os autores indicam a gravação e registro de materiais que sirvam no processo pós-evento, mas não abordam aqueles procedimentos. Se a preocupação dos autores é a falha na memória (é evidente que o processo de lembrar é uma função da cognição humana), infere-se que, analisar como essa ação se processa e o que a faz ser tão improfícua (e preocupante) em eventos, quando tão necessária, pode ser um valoroso percurso científico.

O texto seguinte nº 994 cujo título é “*Medial frontal cortex: from self-generated action to reflection on one's own performance*” cuja tradução aproximada é “Córtex frontal medial: da ação autogerada à reflexão sobre o próprio desempenho”, foi desenvolvido pelos pesquisadores Richard E. Passingham (University of Oxford), Sara L. Bengtsson (University College London ) e Hakwan C. Lau (Columbia University), cujo artigo produzido é da área da psicologia. Através de revisão da literatura sobre processos cognitivos os autores defendem a continuidade do papel do córtex motor suplementar e do córtex cingulado anterior.

Com essa revisão bibliográfica, cujas referências são atuais, os autores se posicionam defendendo ainda que a função do córtex assinalado acima, pode ser generalizada para abranger a reflexão sobre estados mentais e sugerem que o padrão de conexões anatômicas é consistente com a proposta

de que o córtex frontal medial está incisivamente implicado na ação autogerada e na autorreflexão.

É outro estudo que também pode ser analisado a partir da AnCo, evidenciando arquiteturas conceituais e linguagens com vistas à transdução do conhecimento proposto no estudo por seus autores, que é de interesse mais abrangente e não apenas do círculo reduzido dos que o adotam pela via da profissão.

Em outro sentido, ampliando-se as possibilidades analíticas, se pode perguntar: o assunto tratado pelo artigo poderia seguir em sua análise pelo princípio da modelagem? Acredita-se que sim. É um outro caminho que caberia ao Analista Cognitivo se insurgir cientificamente, já que pela intenção de substituir um sistema por outro que o represente – objetivo de toda modelagem – concebe-se que “quando buscamos entender algo queremos utilizá-lo, dar-lhe consequência” (Karam-Filho, 2019, p. 24), e, em virtude disso, compreender como se processa o circuito de energia pelo córtex cerebral para melhor abarcar as funções que lhe são inerentes é uma probabilidade no fazer científico. Pois a construção de um caminho que alcance a compreensão do fenômeno cerebral já é, em si, um *propósito de modelagem*. Entendido esse fenômeno, traçar um mapa cognitivo para estudar causas, consequências e comportamentos gerados é outro procedimento de modelagem que pode ser previsto pela AnCo.

O terceiro artigo, nº 1091, intitulado “*Points of View and Readers’ Immersion in Translation: A Neurocognitive Interpretation of Poetic Translatability*” (tradução nossa: pontos de vista e imersão do leitor na tradução: Uma interpretação neurocognitiva da traduzibilidade poética) é da área de ciências humanas/linguagens e tradução, e foi escrito pelos pesquisadores chineses.

O artigo faz uma análise textual de pontos de vista na primeira pessoa, aplicando a neurociência à interpretação do impacto das diferenças de perspectivas interculturais na tradução de poesia. Esta produção também pode ser apropriada pela AnCo para análise no âmbito da linguagem humana a partir do processo de transdução do conhecimento, já que os autores fazem uma abordagem do processo de tradução poética, que é um tipo de atividade específica da linguagem. A complexidade que incide sobre processos

interculturais na tradução nos espaços e tecnologias em que a linguagem se efetiva, é um elemento que pode ser analisado não apenas pela neurociência, mas também com o concurso de outras áreas, ampliando assim, o rol das possíveis respostas para os problemas intrincados culturalmente.

Nessa mesma perspectiva, o artigo “socioconstrutivismo: críticas e respostas”, de nº 1113, é da área de ciências humanas, e faz uma abordagem pelo viés da psicologia sobre o socioconstrutivismo, de autoria do Prof. Dr. Marcos Rodrigues da Silva, da Universidade de Londrina. O artigo tece críticas sobre 4 objeções consideradas em relação ao campo da teoria socioconstrutivista: sua impossibilidade teórica; sua implausibilidade teórica; sua irrelevância e sua indesejabilidade. Na reflexão que faz, critica as 4 objeções, enfatizando a importância do socioconstrutivismo como área constituída.

A sua análise cognitiva pode ser embasada pela própria teoria da complexidade (MORIN, 2015), uma das bases da AnCo, pois na abordagem do artigo, para dar a entender as posturas críticas em relação a validade do socioconstrutivismo, o autor apresenta as contestações dos críticos, e nelas, se pode entrever limitações de pensamento científico. Com base no que afirma Burnham ao dizer que se “os ambientes humanos são complexos porque seus componentes e interações sofrem modificações constantemente, o que impede estabelecer descrições ou representações que possam ser consideradas definitivas” (et. al., 2020, p. 76), observa-se no referido artigo que os críticos não argumentam suficientemente o porquê de atribuírem ao sócioconstrutivismo uma impossibilidade teórica, dando voltas em círculo ao negar a seguinte afirmativa sócioconstrutivista: o conhecimento científico é construído. Apesar do autor do artigo apresentar suas justificativas para a defesa contrária ao que afirma os críticos que questionam aquela afirmação, se pode conceber que uma análise sob a postura da complexidade ampliaria reducionismos conceituais e epistemológicos.

Um outro entrave metodológico vetado ao socioconstrutivismo, apresentado no texto, é sua incapacidade para analisar aspectos cognitivos da ciência. O autor apresenta algumas considerações na tentativa de demover os argumentos dos críticos, entretanto, não o faz com embasamento teórico suficiente. Dado a base fundamentada da multirreferencialidade (Burnham,

1998), uma argumentação nesse sentido poderia ser aplicada na explicação com referente à diversidade de espaços de aprendizagem, apontando a condição cognitiva como inerente à capacidade humana de refletir, tomar decisões, pensar, refletir sobre o mundo da vida.

O quinto texto, nº 1123, nomeado “Cultura digital e recursos pedagógicos digitais: um panorama da docência na COVID-19” escrito por pesquisadores do Estado da Bahia, os quais fizeram uma investigação sobre como a cultura digital e os recursos pedagógicos digitais foram articulados no Ensino Remoto de Emergência mediante um *Survey* com professores da educação superior, resultando, a certo modo, numa reflexão positiva quanto ao uso das tecnologias digitais para a educação.

Na análise que fazem da cultura digital no contexto da pandemia (COVID-19) são assinaladas as dificuldades e despreparo das escolas para uma conformação tecnológica que já deveria ser evidente e situada no cotidiano escolar, antes mesmo daquele problema de saúde global. E, ao mesmo tempo, destaca-se, no contexto da referida pandemia, a falta de adestramento tecnológico dos professores, eles mesmos, despreparados para atender às demandas online. Dentre os motivos apresentados pelos professores entrevistados, destacam-se: ausência de formação e recursos de mídia digital.

Aqui, considera-se que a análise poderia ser estendida à cognitiva, baseada no que afirma Burnham sobre a Sociologia do Conhecimento como

os processos que possibilitem a apropriação e (re)construção, por parte da comunidade ampliada, de significados relevantes para a formação da cidadania, a partir de informações geradas nas comunidades científicas, na perspectiva de que essas informações se transformem em conhecimento pessoal e indivíduos e coletivos sociais, compreendidos como sujeitos do conhecimento. (2020, p. 96).

Sendo a AnCo uma área multidisciplinar e de abordagem teórico-epistemológica, a Sociologia do Conhecimento poderia atender a um chamado que refletisse sobre a apropriação dos estudantes e professores sobre o próprio conhecimento tecnológico, de forma prévia, compreendendo o espaço escolar como preparadora para a vida em sociedade, no atendimento das várias demandas a ela inerentes: conhecimento, educação, mundo do trabalho, sociabilidade, universalidade, imprevisibilidades. Nesse sentido, as políticas

públicas que atendam a tais demandas são de suma importância para a efetivação dos propósitos do cidadão em formação humana integral.

A escola física e a aula virtual são espaços multirreferenciais do conhecimento (Burnham, 2012), portanto, se constituem, no artigo, como “locais” de aprendizagem nos quais sujeitos diversos comungam um mesmo objetivo: o percurso do conhecer. Nessa perspectiva, uma análise cognitiva teria pertinência para refletir também sobre as possibilidades individuais e coletivas, desejos, diferenças, considerando os estados mentais e afetivos dos sujeitos em (re)construção do conhecimento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade proposta na disciplina Análise Cognitiva possibilitou a experiência positiva de conhecer a Base Referencial desse componente curricular do curso de Doutorado em Difusão do Conhecimento, sua estrutura e os itens que são destacados nos artigos que a compõe. Além disso, ampliou o pensamento sobre o conceito de AnCo através da leitura e discussão dos artigos constituintes dos livros-fonte dessa área.

A segunda fase permitiu que se pesquisasse na página da CAPES as revistas mais conhecidas e requisitadas. Essa fase foi de suma importância por possibilitar a leitura desses artigos (até o resumo) para contribuir no preenchimento da Base. Na fase final, foram sorteados os artigos trabalhados até o resumo. E, em seguida, foram direcionados 5 deles para cada doutorandos completar a Base após o resumo. Isso, se constituiu numa oportunidade de se debruçar sobre a leitura de artigos de várias áreas e exercitar o olhar de pesquisador para a identificação da AnCo na estrutura geral dos textos.

A leitura e análise dos cinco (5) artigos contribuiu para fortalecer o estado da arte em AnCo por assinalar as possibilidades epistemológicas e metodológicas que se encontram em diversos estudos que por ventura tenham potencial para a AnCo, embora não a mencionem em sua estruturação.

Entende-se, portanto, que a realização de um procedimento didaticamente direcionado como o proposto na disciplina Análise Cognitiva e Polilógica I, funciona como um “dispositivo-disparador” com foco na tra(ns)dução cognoscente que ativa os interesses dos pesquisadores dessa área e os favorece na ressignificação do olhar científico sobre a AnCo, área em construção.

Outrossim, a leitura seletiva (Ferreira, 2011), exploratória, reflexiva e interpretativa (Marconi; Lakatos, 2022) de artigos, realizada por um pesquisador ancorado na AnCo, é uma prática imprescindível para esse campo do conhecimento porque lhe permite aguçar o pensamento analítico enquanto analista cognitivo (AnalCo) para verificar se na composição desses estudos a AnCo é refletida como epistemologia e/ou metodologia de pesquisa.

Contudo, apoiando-se no que afirma Burnham, como:

a experiência em AnCo, se dá pela transmissão, no contato ordinário, diário, entre pessoas e conexões intencionais, “acidentais” e/ou “inesperadas”, tocando o *itself* como se fosse um portal onde o consciente e o inconsciente se encontram e se equilibram no processo prático de cada pesquisador (et. al., 2020, p. 59)

E, tendo em vista as limitações e incompletudes diversas que caracterizam o ser humano, é provável que, ao analisar um artigo buscando pistas da AnCo, um pesquisador “olhe”, mas não “veja” os traços que procura, e que designaria o estudo como “da análise cognitiva”. Sendo oportuno que outro(a) AnalCo possa também fazer o seu próprio percurso sobre um mesmo estudo, uma vez que pode verificar nele algo que o outro não tenha detectado. Pois, para a AnCo enquanto campo em formação, é necessário revisitar e revisar para consolidar e expandir. E assim, ao permitir outros olhares cognitivos, ela também se constitui como campo do conhecimento em processo colaborativo.

## REFERÊNCIAS

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a construção do currículo. In.: BARBOSA, J. [Org.]. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: UFSC, 1998, p. 213.

\_\_\_\_\_. [et. al.]. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. Abordagens epistemológicas da cognição. A análise cognitiva na investigação da construção do conhecimento. In.: BURNHAM, Teresinha Fróes [et. al.]. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-100.

\_\_\_\_\_. [Et. al.]. Análise cognitiva (AnCo): concepção e método de pesquisa. In.: GALEFFI, Dante; MARQUES, Maria Inês Corrêa; RAMOS, Marcílio Rocha [Orgs.]. **Transciopédia em difusão do conhecimento**. Salvador: Quarteto, 2020, pp. 58-72.

CHEN, Qing; SHEN, Lin; OCHS, Shelley; XIAO, Kairong. Points of View and Readers' Immersion in Translation: A Neurocognitive Interpretation of Poetic Translatability. **Frontiers in Psychology**. 13. 10.3389/fpsyg.2022.877150, 2022.

FERREIRA, Gonzaga. **Redação científica**. Como entender e escrever com facilidade. São Paulo: Atlas, 2011.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KARAM-FILHO, José. Princípios básicos de modelagem. In.: MESSEDER, Suely aldir; CAMBUI, Elaine Cristina Barbosa [Orgs.]. **Analista cognitivo: uma profissão interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 23-44.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem Motora - Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Edgard Bluncher, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.

MESSEDER, Suely Aldir; GALEFFI, Dante Augusto. Introdução. In.: MESSEDER, Suely Aldir; CAMBUI, Elaine Cristina Barbosa [Orgs.]. **Analista cognitivo: uma profissão interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NAESS, Arne; CHRISTOPHERSEN, Jens A.; KVALO, Kjell. **Democracy, ideology, and objectivity, studies in the semantics and cognitive analysis of ideological controversy**. Oslo: Norwegian Council for Science and the Humanities; Oslo University Press, 1956.

NISCOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; SALES, Mary Valda Souza; CAVALCANTE, Társo Ribeiro. Cultura digital e recursos pedagógicos digitais: um panorama da docência na COVID-19. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 17, n. 45, p. 8-32, abr./jun., 2021.

PASSINGHAM, Richard; BENGTTSSON, Sara; LAU, Hakwan. Medial frontal cortex: from self-generated action to reflection on one's own performance. **Trends in cognitive sciences**. 14. 16-21. 10.1016/j.tics.2009.11.001, 2009.

SILVA, M. R. da. Socioconstrutivismo: críticas e respostas. TRANS/FORM/AÇÃO. **Revista de Filosofia**, vol. 45, nº 3, 163–178, 2022.

SIQUEIRA, P.; FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo (São Paulo – 1991)**, v. 13, 2014, p. 155-161, 2005.

DE PAULA RAMOS, V. Presuntivismo e falsa contraposição entre mentira e verdade: duas possíveis causas para seguirmos ignorando o impacto de fatores como a passagem do tempo e as informações pós-evento no processo penal. Três propostas sobre o que fazer. **Revista Brasileira de Direito Processual-Penal**. [S. l.], v. 8, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/article/view/740>. Acesso em: 15 jul. 2023.

